



Festas nos Quilombos Gaúchos: devoção a Santos, Reis e Rainhas Negros

Festivities in the Gaucho Quilombos: Devotion of Saints, Celebration of Black Kings and Queens

Iosvaldy Carvalho Bittencourt Junior

Jornalista e antropólogo.

Resumo:

As festas e os rituais realizados pelos africanos e seus descendentes, sobretudo os quilombolas, desde o período colonial e imperial até os dias atuais, constituem significativos patrimônios culturais de matriz africana. São realizadas, desde as festas afro-brasileiras culturais, folclóricas e religiosas, a exemplo das festas em devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, até Carnaval, *Candomblé*, *Afoxés*, *Jongos*, etc. Nos quilombos gaúchos predominam as festas em homenagem a muitos santos de devoção católica, padroeiros negros, além da realização de Ensaio de Promessas, Ternos Juninos, *Quicumbis* e *Maçambiques*.

Palavras-chave: Festas. Festas Afro-Brasileiras. Patrimônio. Comunidade Quilombola

Abstract:

The feast and the rituals celebrated by the Africans and their descendents, mainly the quilombolas, from the colonial and imperial period until the current days represent a significant cultural heritage of African origin. They are carried out, from the cultural, folkloric and religious Afro-Brazilian feast such as the one devotion to Nossa Senhora do Rosário and São Benedito, to Carnival, *Candomblé*, *Afoxés*, *Jongos*, etc. In the quilombos gaúchos the celebrations in honor of many saints of catholic devotion and of black patrons predominate. besides the Ensaio de Promessa, the *Quicumbis* and *Maçambiques*.

Keywords: Celebrations – Afro-Brazilian Celebrations – Cultural Heritage – Quilombola Community.

Introdução

As festas e patrimônios são “fenômenos totais”, isto é de ordem cosmológica, fisiológica, performativa, moral, estética e econômica, e neles ocorre a dimensão inconsciente e não controlável da experiência humana atua de modo marcante. É como acontece nas festas afro-brasileiras, sobretudo em comunidades quilombolas, nas quais a plasticidade e a multiplicidade de seus meios de expressão da história, da memória social, dos valores, da identidade, da territorialidade, da religiosidade, dos conflitos e dinâmica social dos grupos humanos.

De um modo geral, as festas pontuam e regula o curso de nossas vidas, a periodicidade das passagens [crises]. Marcam os tempos fortes, os momentos culminantes das coletividades, expressando suas alternâncias de ritmo e intensidade. Politizam e estetizam nossa vida e suas passagens.¹ Conforme Marcel Mauss, “As festas não são coletivas apenas porque uma pluralidade de indivíduos reunidos dela participa, mas porque são atividades do grupo e porque é o grupo que elas exprimem”.²

Elas são expressas ou agregam, também, rituais, divertimento e ação política, ao mesmo tempo. São momentos, nos quais são reavivadas as velhas tradições; reforçam laços de origem, bem como incorporam novos elementos e anseios, como acontece nas comunidades quilombolas, quando afirmam a conquista de seus territórios, consolidam suas identidades de matriz africana, reafirmam laços de parentesco e de compadrio, comemoram seus eventos associados ao ciclo agrícola e renovam sua fé em seus santos de devoção e proteção. Nem sempre a festa é uma celebração religiosa, uma vez que além dos santos, há solidariedade social, garantia do contrato que nos liga uns aos outros.³

Desde os primeiros estudos, diversos autores investigaram os cultos afro-brasileiros e suas respectivas festas em diferentes regiões do país, como o candomblé baiano, o xangô pernambucano, o tambor de mina ou casa das minas do Maranhão, o batuque gaúcho e a macumba carioca. Eles constataram a realização de festas, nas quais os grupos religiosos se reuniam para a louvação de seus deuses, que nessas ocasiões possuíam em transe aqueles que para eles eram iniciados. Os quilombolas gaúchos participam, também, de muitos eventos festivos associados à umbanda tanto quanto a Linha Cruzada ou quimbanda – que cultua Exus, Pombagiras e os Ciganos. No batuque, também conhecida como Nação, que são vinculadas aos territórios primordiais africanos - Oiô, Jeje, Ijexá, Cabinda e Nagô.⁴ As festas de religião afro-brasileira ocorrem em casas situadas no âmbito ou fora dos territórios quilombolas.

Muitos africanos foram trazidos, para o Brasil, como escravo, foram responsáveis por transmitir os saberes acerca das religiões afro-brasileiras, e vieram da costa da África ocidental. Esses povos ficaram conhecidos como guinês, minas e congos, cabindas, benguelas e muito outros nomes que geralmente designava os portos de embarque de onde tinham vindo e não o povo ou a civilização a que pertenciam. Depois, da costa oriental africana vieram outros negros que ficaram conhecidos como moçambiques e, por fim, do noroeste africano os povos que foram chamados de geges, nagôs ou iorubas. Entretanto, cada um desses povos tinha uma cultura e um modo de vida

¹ PEREZ, Léa Freitas. *Festa, Religião e Cidade – corpo e alma do Brasil*. Editora Medianiz, Porto Alegre, 2011. p. 101.

² MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*, Vol II, São Paulo, EPU, 1974. p. 295.

³ AMARAL, Rita de Cássia. *Cidade em Festa: o Povo-de-Santo (e Outros Povos) Comemora em São Paulo* In: MAGNANI, José Guilherme e TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.) *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1996. p. 260. DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 1996

⁴ AMARAL, 1996, p. 263. FICHTNER, Mírian. *Cavalo de Santo: Religiões afro-gaúchas*, Porto Alegre, S. ED, 2010.

própria. Alguns vieram, certamente, de Civilizações altamente desenvolvidas onde havia grandes cidades e onde reis poderosos exibiam o luxo de suas cortes e tinham uma cultura muito refinada.⁵

Desde o tempo do Brasil colônia, porém, no tempo da escravidão, a festa sempre foi o momento em que os arraiais e as vilas se enfeitavam para celebrar os acontecimentos. Tantas as pessoas finas quanto os escravos e, independente da condição social ou da cor, os mais ricos e os mais pobres; brancos, negro, mestiços, mulatos, mamelucos e cafuzos, quando cada um encontrava seu espaço para participar da festa. Havia festa para tudo, como homenagear aos reis de Portugal que governavam o Brasil; celebrar Jesus Cristo, a Virgem Maria e todos os santos de devoção do povo, os padroeiros das cidades, os patronos das profissões ou das irmandades religiosas. Nas irmandades negras, celebravam-se São Benedito e Nossa Senhora do Rosário⁶. Durante as festas, mesmos os escravos, apesar dos sofrimentos com o trabalho cotidiano e maus tratos, tinha lugar garantido, pois pelos menos aos olhos de Deus, todos eram iguais.⁷

O encontro das culturas indígenas, européia e a africana, promoveu no Brasil uma diversidade de repertórios de festas, grande parte baseadas no calendário religioso que, algumas vezes, coincide com o calendário civil. São os Autos de Natal, Autos dos Quilombos, Bom Jesus dos Navegantes, Círio do Nazaré, Corpus Christi, Divino Espírito Santo, Drama da paixão, Festa do Bonfim, Folia de Reis, Festas Juninas (consagradas a Santo Antônio, São João e São Pedro), Festa de Iemanjá, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Navegantes, Padre Cícero, entre muitas outras.

Por outro lado, temos também os folguedos de espírito lúdico – onde se destacam os Afoxés, Congados, Maracatus, Caboclinhos, Tambor de Crioula, Marujada, vaquejadas, Bumba-meu-boi e suas variantes de Boi-Bumbá, Boi de São Cristovão e Boi-Mamão; Blocos Afros e o Festival Folclórico de Parintins – e os bailados populares como Mar abaixo, Maculelê, Cateretê, Coco de Zumbi, entre muitas. Moçambiques, Carimbó, Maçambique, Ticumbi, Quicumbis, entre muitos outros.⁸

Festas Afro-Brasileiras Constituem em uma Tessitura de Matriz Africana no Brasil

Para René Marc da Costa e Silva, as festas Afro-Brasileiras, negras ou consideradas de matriz africana representam e celebram uma visão de mundo, a religiosidade, a música, a dança, a vestimenta e a culinária dos negros que resistiram aos séculos de opressão branco-europeia de nossa colônia e império.⁹ Enfim, todas as nossas formas de ser brasileiro e, fundamentalmente, negro-brasileiro foram impregnadas pelos componentes africanos. Assim, temos o registro de inúmeras

⁵ MOURA, Glória. *Uma História do Povo Kalunga*, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2001. p. 17-18.

⁶ As devoções de São Benedito e do Rosário, que eram forma católica de cooptar o negro para ser inserido e mantido dentro da sociedade colonial, acabavam por ser re-apropriadas e re-significadas aqui, como formas de defesa dos africanos, na condição de escravos. Nossa Senhora do Rosário, associada à batalha de Lepanto, à proteção dos cristãos contra o perigo dos infiéis, os mouros.

⁷ MOURA, 2001, p. 50.

⁸ MURRAY, Charles. *As Festas Populares como Objeto de memória*. In: SILVA, René Marc da Costa (Org.) *Cultura Popular e Educação – Salto para o Futuro*. Brasília, 2008. p. 95.

⁹ SILVA, René Marc da Costa (Org.) *Cultura Popular e Educação – Salto para o Futuro*. Brasília, 2008. p. 291.

festas e rituais brasileiras, muitas delas, de matriz africana, em todas as regiões do país. Muitas delas resultam da fusão, dentro de formas sincréticas ou híbridas, no âmbito do catolicismo popular, tais como os Congos, Moçambiques, Catupés ou Catopês, Marujos, Penachos e Vilões, enfim diversas expressões religiosas e culturais de matriz africana, já referidas. Em outros casos, ainda, a resistência negra gerou manifestações que, de certa forma desenvolveram-se à margem das práticas religiosas, como a capoeira, o jongo, o parafuso (a dança da fuga), o lundu. Ao ressaltar a importância da musicalidade, também acrescento a centralidade da corporeidade, na diáspora, Paul Gilroy observa que a cultura e identidades negras são resultados dessa intensa atividade prática, por meio da resistência cultural, política e lúdica traduzida nos “gestos, significações corporais, desejos”.¹⁰

As contingências peculiares à escravidão rural contribuíram para que devoção e diversão entre os escravos, quando estes se reuniam em um evento único. Mesmo sob a mira do feitor, os escravos concentravam-se no momento festivo do batuque, toda a sua vivência social, uma vez que lhes era negada no dia-a-dia do trabalho árduo. Aproveitavam os sábados, à noite, e os dias santos ou marcando o final das colheitas, quando os cativos dividiam diferentes atividades mediadas pela via artística do canto, da dança e do tambor, como ocorre na África tradicional. O trabalhador rural escravo, de origem banta, participavam de manifestações culturais designadas pela crônica do período colonial, como batuques, calundus e sambas que representaram o esperado momento de reunião.

Dentre as manifestações festivas, temos o jongo, o candombe, o batuque rural. O Jongo é uma dança de roda, em alguns casos, com par solista ao centro. Seus instrumentos são o *tambu* (tambor maior) e o *candongueiro* (tambor menor) e a *inguaia* (chocalho de cesto). Os pontos e as melodias do jongo falam do cotidiano da comunidade (visaria) ou propõem desafios, por enigmas a ser decifrados (*demanda ou goromenta*). A linguagem é sempre metafórica, cujo estilo do canto é responsorial (alternando solo-coro). O jongo predomina nas cidades de Guaratinguetá, Taubaté, São Luís de Paraitinga, Lagoinha, Cunha e Piquete, todas do Vale do Paraíba paulista, e em várias cidades do Rio de Janeiro.

No Candombe mineiro, o cantador dança diante dos três tambores sagrados em forma de pilão (*santana, santaninha e chama*), balançando o guaiá (chocalho) e exprimindo corporalmente o conteúdo do seu ponto, rodeado pelos demais participantes, que respondem ao seu canto em magníficas texturas orais. O Candombe atual associa-se ao catolicismo negro de confraria, sendo dançado dentro de capelas das irmandades do Rosário ou no terreiro destas. O fundamento do candombe advém da invocação a divindades banto (Calunga, Zambi), aos antepassados e aos santos católicos. O candombe é dançado em festas de padroeiros, como Santana e Nossa Senhora do Rosário.¹¹

¹⁰ GILROY, Paul. O Atlântico Negro – modernidade e dupla consciência. São Paulo, Editora 34, 2001. p. 209.

¹¹ DIAS, Paulo. A Outra Festa Negra. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Irís. (orgs.) Festa – cultura e sociabilidade na América portuguesa, Vol. II. São Paulo, Imprensa Oficial, Edusp/Hucitec, Fapesp, 2001. p. 868.

Em geral, a vida nas comunidades quilombolas, conforme Glória Moura, são sempre intercaladas por sons dos instrumentos de trabalho no campo e na batida dos tambores, nos períodos de exceção demarcados por um tempo extraordinários, por ocasião das celebrações e festas das comunidades, sobretudo as relacionadas aos santos padroeiros negros, com preponderância de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito. Para ela, “os tambores são arautos de vida e de morte, de nascimentos, casamentos, aniversários, de soluções para os problemas da terra tomada...”¹²

As festas em devoção a Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito são comuns e hegemônicas nas comunidades quilombolas, assim como celebram e festejam Santo Antônio de Cartageró, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Nossa Senhora Imaculada Conceição, Santa Ifigênia, Escrava Anastácia, Nossa Senhora dos Navegantes, Santo Elesbão e outros. As Festas do Rosário são realizadas por Reinados e Irmandades Negras, que são acompanhadas por congadas¹³ (também denominadas de Congadas, Reis de Congos, Congo Real ou somente Congos), e constituem uma expressão cultural conhecida no Centro Oeste e no Sudeste do Brasil, bem como na região Nordeste do país. Tais manifestações estão relacionadas à matriz social e cultural africana banto, a exemplo do candomblé de angola, dos maracatus, da umbanda e da capoeira.

Os congadeiros rememoram e recriam os significados desta expressão cultural de grande extensão temporal e espacial, composta majoritariamente por pessoas negras, mas também por pessoas brancas e de outros pertencimentos etnicorraciais. Embora as Congadas não sejam totalmente de origem negra, são manifestações religiosas e culturais que são re-significadas por uma leitura negra, baseada na matriz cultural africana e na resistência cultural e política negra nas sociedades de destino, ao longo da diáspora africana. No caso das Festas do Rosário, elas constituem um ritual que pode ser vinculado ao chamado catolicismo negro.

Quilombolas Gaúchos em Festa – Festas Religiosas Comunitárias, Ensaios de Promessas de Quicumbis e Festas do Rosário (Maçam bique)

No Rio Grande do Sul, os quilombolas realizam muitas festas em devoção a Nossa Senhora do Rosário, a Nossa Senhora da Conceição, a Nossa Senhora Aparecida, a Nossa Senhora dos Navegantes e a São Benedito. No Beco dos Coloidianos, com a participação, dos Teixeiras, em Mostardas, RS, no Litoral Norte, realizam festas de Ensaios de Promessas¹⁴ de Quicumbis e de Ternos de Reis. Nestas festas quilombolas, as comunidades celebram a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, quando são invocados por ocasião da realização dos Quicumbis. No município de Palmares do Sul, RS, no Litoral Norte, mais precisamente na comunidade quilombola

¹² MOURA, 2012, p. 67.

¹³ Desde o século XIV, em Portugal, a tradição de, no dia da festa de Reis, coroar um rei negro em homenagem ao rei Baltazar. Essa tradição passou para o Brasil com os portugueses. Durante as festas, no Brasil, se podia coroar um Rei de qualquer etnia, seja ela Benguela, Cabinda ou outra, embora predominassem as em regiões de influência Banto, que eram Congos. Os negros, de qualquer modo, aproveitaram este espaço social para re-traduzir de outra maneira, alguma coisa significativa para eles, num outro contexto, dentro de outra lógica e leitura de uma mesma coisa.

¹⁴ O Ensaio de Promessa é realizado em função de uma ou mais graças alcançadas, por meio de promessa feita a Nossa Senhora do Rosário e se constitui pelo bater de tambores, palmas e pés. A música é tocada por vários violeiros e cantadores acompanhados pelos demais participantes, todos homens.

de Bacupari, além da realização de Quicumbis, hoje extintos; de Ensaio de Promessas e Ternos Juninos, os devotos realizam homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Na comunidade quilombola de Boa Vista, em Terra de Areia, RS, no Litoral Norte, são realizadas festas para celebrar São José e São Bom Jesus para as famílias brancas, em uma pequena igreja, enquanto que para as famílias negras, são celebrados São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Em Osório, RS, no Litoral Norte, a comunidade negra celebra a devoção a São Benedito, em maio; e em outubro, anualmente, no dia 07 de outubro, realiza a manifestação religiosa e cultural em devoção a Nossa Senhora do Rosário, quando ocorrem as apresentações da congada sulina Maçambique de Osório. O grupo celebra a coroação da Rainha Ginga, desde o século XIX, com a participação do Rei de Congo, que é também coroado, em um ritual afro-católico. Da mesma forma, cultuam a memória da Rainha angola Nzinga Mbândi Ngola, heroína naquele país e referência histórica e cultural dos negros brasileiros, sobretudo os quilombolas.

A Festa do Rosário tem a participação de quilombolas que possuem vínculos de parentescos por meio de laços de consangüíneos de filiação e descendência, por meio de alianças matrimoniais e das relações entre avós, pais, irmãos e primos, no âmbito da rede de famílias quilombola de Morro Alto, localizadas entre os municípios de Osório, Maquiné e Terra de Areia. Durante os festejos, são realizados bailes, eventos musicais, teatrais, leilões e muitos pagamentos de promessa, quando o Maçambique acolhe os pagamentos, assim realizando a mediação entre o devoto e a entidade espiritual, no caso a Nossa Senhora do Rosário. Para Gonçalves, para os devotos “trata-se fundamentalmente de uma relação de troca com uma”, quando também é envolvida a culinária, objetos rituais, mitos, espírito, matéria, enfim tudo se mistura.¹⁵

No transcurso das festas de Maçambique, em um tempo de exceção, extraordinário, realizam-se procissões, tríduos, missa principal e apresentações do grupo Maçambique de Osório. O maçambique, atualmente, contribui para afirmação da identidade negra e conquistas de direitos sociais e civis. As festas quilombolas contribuem para manter uma história social de longa duração baseada na matriz cultural africana e, ao mesmo tempo, ações performativas singulares, em face à conjuntura histórica e demandas políticas contemporâneas, sublinhadas pela fé e pela alegria.

Referências

AMARAL, Rita de Cássia. *Cidade em Festa: o Povo-de-Santo (e Outros Povos) Comemora em São Paulo* In: MAGNANI, José Guilherme e TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.) *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1996.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. *Maçambique de Osório entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da maçaquia*. Tese (Doutorado em Antropologia

¹⁵ GONÇALVES, José Reginaldo. *O Patrimônio como categoria de pensamento*. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Orgs.) *Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos*, Rio de Janeiro, DP&A, 2003. p. 26.

Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PEREIRA, Lúcia Regina Brito. *Rio Grande do Sul – coleção A África Está em Nós, História e Cultura Afro-Brasileiras, Africanidades Sul-Rio-Grandenses*, João Pessoa, Editora Grafset, 2002.

DIAS, Paulo. A Outra Festa Negra. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Irís. (orgs.) *Festa – cultura e sociabilidade na América portuguesa*, Vol. II. São Paulo, Imprensa Oficial, Edusp/Hucitec, Fapesp, 2001.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro e GONÇALVES, José Reginaldo. *Cultura, Festas e patrimônios*. In: MARTINS, Carlos Benedito e DUARTE, Luiz Fernando Dias (Coordenador geral) *Antropologia – Horizontes das Ciências Sociais no Brasil*, São Paulo, Anpocs, 2010.

FICHTNER, Mírian. *Cavalo de Santo: Religiões afro-gaúchas*, Porto Alegre, S. ED, 2010.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro – modernidade e dupla consciência*. São Paulo, Editora 34, 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo. *O Patrimônio como categoria de pensamento*. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Orgs.) *Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos*, Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*, Vol II, São Paulo, EPU, 1974.

MOURA, Glória. *Uma História do Povo Kalunga*, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 2001.

MOURA, Glória; SCIPIONI, Lamberto. *Festas dos Quilombos*. Brasília, Editora da Unb, 2012.

MURRAY, Charles. *As Festas Populares como Objeto de memória*. In: SILVA, René Marc da Costa (Org.) *Cultura Popular e Educação – Salto para o Futuro*. Brasília, 2008.

PEREZ, Léa Freitas. *Festa, Religião e Cidade – corpo e alma do Brasil*. Editora Medianiz, Porto Alegre, 2011.

PRASS, Luciana. *Maçambiques, Quicumbis e Ensaio de Promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2013.

SILVA, René Marc da Costa (Org.) *Cultura Popular e Educação – Salto para o Futuro*. Brasília, 2008.